

É muito reconfortante ter hoje tantos amigos nesta casa, sede da UCCLA, que compartilha com a CAL, instituições que são resultado de encontros seculares com outros povos que forjaram a alma do que somos.

O pretexto é um livro, mais um, dos muitos que todas as semanas a UCCLA apresenta, pensados e escritos em português.

Este não poderia deixar de assentar na conceção universalista de uma pátria de muitas pátrias, de cidadãos do mundo que tiveram e têm como fronteira o mar.

Ele fala-nos do presente, ancorado no passado como suporte do futuro.

A viagem começa num voo para Luanda, capital da terra de uma outra minha pertença, e tem por capítulo final um apeadeiro a suscitar interrogações de sobra.

Caberá aos mais jovens, pela lei da vida, a responsabilidade de escreverem os capítulos que se seguirão.

Permito-me, pela usura da vida que já levo, sugerir-lhes que não descurem a audição dos mais velhos, embora as decisões sejam suas.

Na adolescência percebi a importância dela quando, na terra natal, ao redor de uma fogueira, me dirigi a um soba para me explicar um determinado facto, e ele me respondeu que deveria falar com o século, o mais velho

conselheiro, dizendo-me não ter ele vivido a questão que lhe colocava e só o século Nanga Yafina me poderia responder.

Em certa medida essa foi uma das razões que me levaram a escrever o livro, ouvidor que fui desse avisado conselho, para transmitir aos mais jovens factos que vivi e de como eles facilitam o enquadramento para as interrogações inclusive do presente.

Devo-me ficar por aqui quanto ao livro, tendo presente que nada, absolutamente nada do que é material nasce senão do sonho.

Com tantos amigos presentes é minha obrigação agradecer-lhes o facto de terem vindo.

Devo ao Senhor Embaixador de Angola, José Carlos Fonseca, aliás meu Embaixador, um abraço amigo, que estendo aos demais Senhores Embaixadores e seus representantes dos países de língua oficial portuguesa.

Estou-vos muito grato pelo que são e pelo que representam de países que pensam em português.

Saúdo de igual modo os membros do governo, pela enorme honra que me dão com a sua presença.

Agradeço a presença do Senhor Presidente da CML, que representa a instituição proprietária desta casa, sede da instituição que por excelência,

na cidade de Lisboa, contribui para dinamizar as relações multiculturais e multiétnicas, que tanto influenciaram e influenciam a nossa alma.

Não posso deixar de registar o facto de se fazer acompanhar do Senhor Vice-Presidente da Camara e do Senhor Secretário-geral, com poderes delegados ou de articulação da CML com a UCCLA.

A minha gratidão é ainda estendida aos Senhores Deputados e aos Senhores Presidentes de Câmara e demais autarcas, por saber de experiência própria a importância das responsabilidades que os eleitos lhes confiaram.

Dirijo-me ainda à Manuela Júdice, Secretária-geral da CAL, que comigo partilha os espaços comuns desta Casa das Galeotas e esta saudação envolve todos os demais amigos presentes.

Um grande e sincero obrigada a todos.

Aos que me acompanham nas funções que coordeno, vai a expressão do meu reconhecimento.

É muito agradável saber, por experiência própria, como entendem a importância das funções que exercem, tendo como destinatários cidadãos que falam a quarta língua do mundo e o que isso representa para o planeta terra, o único conhecido para nele vivermos.

Por fim, porque a edição do livro contou com o apoio do meu velho e querido amigo Orlando Sá, e dos concelhos de outros dois amigos, Eduardo Oliveira e

Silva e Mário Crespo, a quem facultei o “miolo” inicial do livro para apreciação, expressei-lhes a minha gratidão.

Aproveito também a oportunidade, porque não a tive antes, de agradecer ao Alexandre Fonseca e ao André Figueiredo, pelo pronto apoio que deram às edições dos Cadernos da Associação Participar +.

Ao António Pacheco ao fazer-me ter presente na memória, datas, locais e presenças de factos relatados no livro, de que foi testemunha direta, manifesto do mesmo passo o meu agradecimento.

À Sara, à Osita, ao Carlos Luíz e particularmente à Eurídice, que me conduziram a repescar depoimentos prestados num meu aniversário recente e, no caso da Eurídice, ainda pela conservação que fez dos registos fotográficos que permitiram a seleção para o livro quero que saibam que sinto ter o livro autoria plural.

Uma palavra é devida a Manuela Ferreira Leite, por ser exemplo da juventude de espírito que não desiste, desafiando-nos semanalmente com a sua inquietação sobre o futuro de todos nós.

Além do mais, no seu caso, porque inúmeras vezes, jovem estudante universitário, visitei com outros companheiros das carteiras da Universidade a casa de seus pais, levado pela amizade com o seu irmão José Eugénio.

À Leonor Beleza, membro do governo patriótico do “bloco central” em que ambos participámos no então Ministério do Trabalho e mais tarde na Assembleia da República, como deputados, devo-lhe mais esta prova de amizade pela pronta aceitação do convite que lhe fiz para apresentar o livro, bem como ao Nicolau Santos, meu conterrâneo e também, como eu, com dupla pertença a Angola e a Portugal, que tão bem se deteta na sua poesia.

Um muito forte abraço a ambos.

Ao Manuel Fonseca, também amigo e editor, que não hesitou na edição deste livro e, sobretudo, por nunca desistir da cultura.

Não poderia deixar ainda de convocar-vos à disponibilidade para a confraternização no jardim contíguo a este auditório, onde será servido um cocktail, podendo visitar a exposição de artistas plásticos da Guiné-Bissau.

Vale mesmo a pena.

Bem-hajam!